

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Ultima Hora*

Class.: 254

Data: 5 de abril de 1984

Pg.:

Aniceto aceita negociar

4468 Cacique xavante quer 'fumar cachimbo da paz' com Ferreira Lima

O cacique Aniceto, xavante, disse ontem que aceita "fumar o cachimbo da paz" com Otávio Ferreira Lima, presidente da Funai, se ele retirar os policiais da frente do órgão e resolver os problemas do Xingu. Esta posição, no entanto, não é compartilhada pelo cacique-deputado Máriq Juruna.

O parlamentar do PDT-RJ não considera mais Otávio Ferreira Lima como presidente da Funai, bem como não aceita a atual diretoria e contesta a sua autoridade. Vai mais longe ao afirmar que também a sede do órgão, localizada no Trecho 4, do Setor de Indústrias e Abastecimento, "não é mais a nossa casa. Agora ela é da polícia".

Bastante aborrecido, Juruna afirmou mais uma vez que não cogitou em nenhum momento, invadir a sede da Funai e que já garantiu esta posição para o presidente do órgão, por telefone, "já que ir lá não adianta, pois ele tem medo de mim e não me recebe, como aconteceu ontem (terça-feira)".

Ao afirmar que as medidas policiais impostas são uma provocação, Máriq Juruna diz que o atual presidente da Funai está fazendo "uma verdadeira palhaçada com esta história de invasão". "Ele - disse se referindo a Otávio Ferreira - é um boneco que brinca com o sentimento dos índios pensando que ainda somos objetos".

Acreditando que conseguirá mudar a diretoria da Funai, "que é incompetente e assessoria muito mal o ministro do Interior", Máriq Juruna lança agora suas "flechadas" em direção à sede do órgão, mais precisamente, à compra do prédio que, segundo ele, "foi uma negociação realizada na época em que era presidente, o coronel Nobre da Veiga".

Máriq Juruna, assessorado por Odenir de Oliveira, membro da Comissão do Índio da

Câmara dos Deputados, conta como foi realizada a compra do edifício.

- A Funai tinha desde 1970, um terreno na Avenida W/3 Norte, doado pelo Governo do Distrito Federal, em área privilegiada. Na gestão do coronel Nobre da Veiga, quando seu superintendente era o atual presidente, Otávio Ferreira, isto em 1980, o terreno entrou como parte do pagamento em uma permuta por um prédio no Setor de Indústria, este, que o órgão ocupa até hoje.

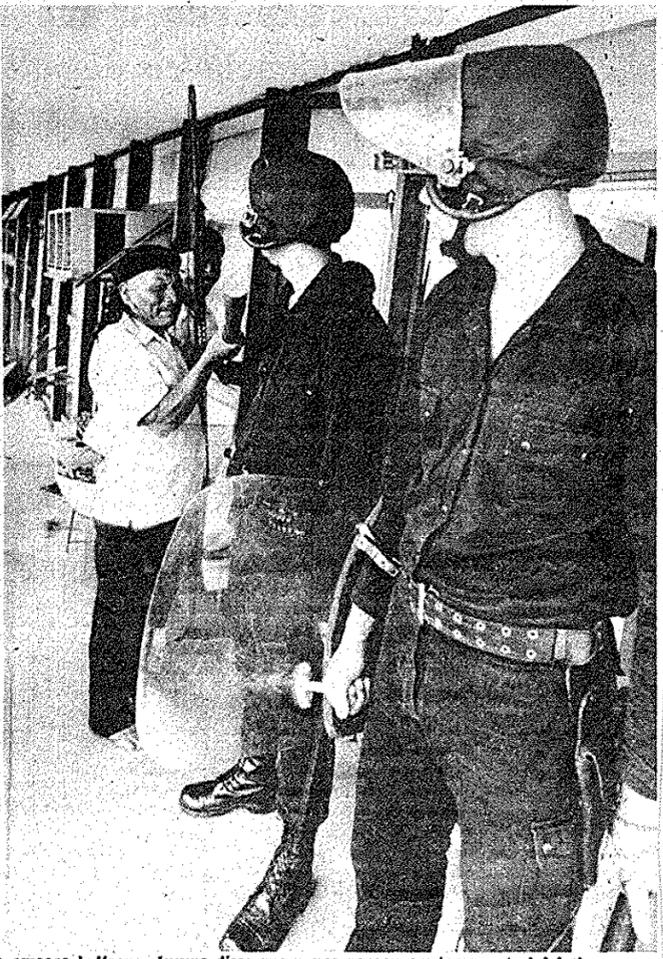
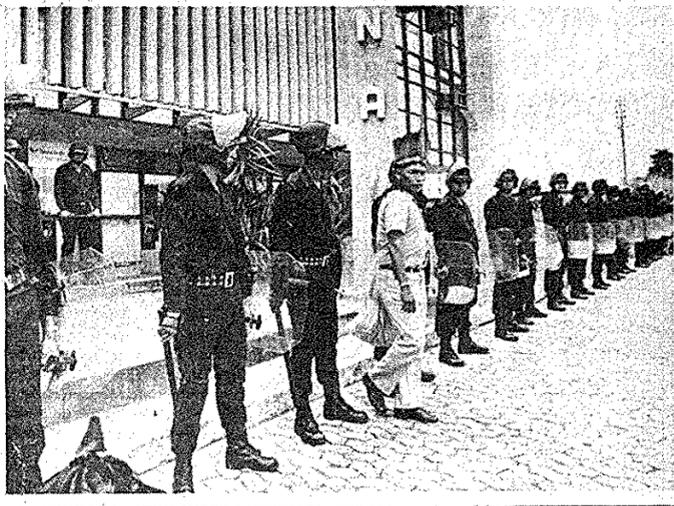
Juruna afirma que o prédio permutado, fora de zoneamento - "afinal, índio é produto industrial?", questiona - custou Cr\$ 123 milhões, na época, quando segundo ele um prédio semelhante custava no próprio setor pouco mais de Cr\$ 40 milhões.

Diante destes fatores e das leis que regem o Distrito Federal, e que estabelecem que terrenos doados não podem ser vendidos, o Tribunal de Contas da União, garante Juruna e Odenir Oliveira, "recusou as contas do coronel Nobre da Veiga".

Eles lembraram que os gastos com a reforma e decoração do prédio em torno de Cr\$ 130 milhões, também foram considerados excessivos pelo TCU.

Em virtude destes problemas, acrescenta Odenir Oliveira, até hoje o prédio da Funai não tem "habite-se" já que também, está com uns sérios problemas de infiltração.

Ontem, o deputado Máriq Juruna recebeu um ofício do Tribunal de Contas da União, relativo ao "embargo" das contas do coronel Nobre da Veiga frente à Funai, mas precisamente, no que diz respeito à compra do prédio. Em breve ele vai se pronunciar a respeito, no plenário da Câmara, como garantiu.



Ontem, foi o segundo dia de cerco à Funai, para proteção contra uma suposta ameaça indígena. Juruna disse que nunca pensou em tomar esta iniciativa.

O cerco à Funai continua

O prédio da Fundação Nacional do Índio, no Setor de Indústrias, Trecho 4, foi novamente cercado ontem de manhã pela tropa de choque da Polícia Militar, que compareceu ao local fortemente armada, com escudos protetores, bombas de gás e cães amestrados. O cerco ocorreu diante da chegada ao local, às nove horas, do cacique Aniceto, xavante, acompanhado de um grupo de indígenas, armados com arcos e flechas e bordunas. Mesmo com o bloqueio foram feitas algumas negociações e os índios conseguiram entrar no prédio. Entretanto, não foram recebidos pelo presidente do órgão, Otávio Ferreira Lima.

Segundo explicações do porta voz do grupo, Marcos Terena, os índios foram até a Funai justamente para protestar contra o aparato policial que "protege" a casa do índio, "diante de uma hipotética e absurda notícia publicada em apenas um jornal, de que iríamos invadir o prédio do órgão".

- Mas ficamos surpresos diante de tanta ostentação de poder e de arbítrio - afirmou Terena, acrescentando que em nenhuma hipótese, se justificaria o aparato policial que foi deslocado para a sede da Funai, para conter apenas meia-dúzia de índios pacíficos.

E o que afirmou Marcos Terena era fácil de ser constatado. Cerca de 50 policiais praticamente cercaram o prédio, como uma parede humana com fardas de choque, armados de escudos protetores, cassetetes, bombas de gás e armas de grosso calibre. Além disto, dezenas de cães, entre pastores e dobermans, faziam do local uma verdadeira "praça de guerra".

Os cuidados também eram excessivos e parte da imprensa foi impedida de entrar no prédio, sendo barrada pelo chefe da operação, tenente-coronel Hugo da Polícia Militar, que, garantindo obedecer ordens superiores, barrou a reportagem da *ULTIMA HORA* e um fotógrafo do jornal *O Globo*.

Entretanto, a sua atitude não se justificava, já que outros profissionais da área, como da *TV Manchete*, da própria *Globo*, estavam dentro do prédio. Diante da insistência do repórter e do fotógrafo da UH e com o endosso do fotógrafo do *Globo*, o tenente-coronel foi enfático em sua posição:

- Está proibida a entrada da imprensa e acabou o caso - disse ele, acrescentando novamente que "obedecia ordens".

Após cerca de 15 minutos apareceu na porta da Funai o autor da ordem que impedia o acesso da imprensa: Sydney Ribeiro, assessor de imprensa do órgão. Segundo ele, a medida foi tomada "para evitar confusão na porta" mas que, diante da sua presença e a autorização do tenente-coronel da PM, os repórteres podiam subir, embora de nada adiantasse porque o presidente da Funai, se negava terminantemente a conceder qualquer tipo de entrevista.

Próximo das 13 horas, um grupo de índios saiu do prédio da Funai e se dirigiu para a Câmara dos Deputados, para assistir ao encerramento do II Encontro Nacional dos Povos Indígenas Brasileiros. Mas o cacique Aniceto ficou no local, garantindo, segundo seu porta voz, Marcos Terena, "só sair de lá, depois que a polícia deixar a casa do índio em paz".